

FUNDAMENTOS PARA AVANÇAR PARA

---

# A SANTIDADE

ESCRITO E COMPILADO POR

**RANDALL E. HOWARD**

---

SUPERVISOR GERAL, IGREJA DE DEUS DA PROFECIA

*Distribuído na 96a Assembléia Internacional*

# ÍNDICE

---

## Fundamentos para avançar para a santidade

Introdução: Já não se fala de santidade	3
O fogo do Espírito Santo .....	5
A santidade: Andar no Espírito Santo .....	7
Pode-se viver em santidade .....	11
Conhecer a Deus .....	15
A transformação .....	18
Limpos pelo sangue .....	21
Limpos pela Palavra .....	23
A santidade mediante a transformação da mente .....	26
A crucificação e a santidade .....	30
A motivação para a santidade: O amor ou a lei? .....	33
O amor: A meta da vida .....	37
O chamado à santidade .....	42
O movimento da santidade .....	46

# INTRODUÇÃO

---

## Já não se fala de santidade

*“E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus” (1 Coríntios 6:11).*

É surpreendente que, durante as passadas quatro décadas, os temas da santidade e santificação quase têm desaparecido completamente da espiritualidade na cultura cristã ocidental. Sem dúvida, há muitos fatores que têm contribuído para este declive. Seja qual for a razão, muitas pesquisas mostram continuamente que já não existe uma diferença de conduta significativa entre a cultura secular e o cristianismo. Este estudo tem como propósito dar novamente importância à santificação e delinear uma nova relevância para a santidade no contexto da atualidade. Depois de tudo, através da história, os avivamentos e os despertamentos são vistos, frequentemente, como uma renovação do poder divino que resgata os perdidos das trevas do maligno e os transforma na imagem de Cristo. Certamente, isto inclui a graça santificadora e o chamado que acende a paixão pela santidade.

Hoje é um momento de oportunidade para a nação cristã com respeito à santificação. O cristianismo tem sido acusado de ser prejudicial, legalista e intolerante para com a sociedade. Sem dúvida alguma que dentro de nossas fileiras, a maioria pode confessar que desejamos deixar para trás a antiga ênfase em condutas externas e centrar-nos na santidade do coração, a qual manifesta o caráter de Cristo. Com este distanciamento do foco sobre a santidade no reino, temos a oportunidade de livrar-nos das cargas do passado e anunciar a nova relevância e aplicações para a santidade necessária de hoje.

O Espírito Santo capacita o povo de Deus para que ande em santidade. Ele pode guiar o corpo às novas perspectivas e manifestações de santidade que esta geração tanto necessita. Como em todas as renovações espirituais da história do cristianismo, estas perspectivas podem parecer distintas e também diferir na manei-

ra que as gerações passadas experimentaram a santificação. No entanto, uma análise mais minuciosa demonstrará que os fundamentos da santidade produzirão um caráter piedoso e uma igreja fervorosa e vibrante. De acordo com a necessidade do crente individual, a santidade oferece uma graça poderosa que livra a pessoa das garras do pecado, e a ajuda a subir (apesar do peso da carnalidade) e a ajustar-se à imagem de Cristo. Em qualquer geração, a santidade é responsável por quebrar o engano do pecado e de gerar um caráter piedoso, especialmente o fruto do amor.

Cada uma destas vias da santidade contribui para estes fins, e o princípio que os une e move é a obra do Espírito Santo. Ele nos redargui do pecado, convence-nos da justiça, nos dá Sua poderosa graça, nos enche de Sua paixão, e nos transforma à imagem de Cristo.

## O fogo do Espírito Santo

Uma professora de ciências preparava alguns alunos do oitavo ano para um exercício de laboratório com alguns bicos Bunsen, quando lhe perguntaram: “O que é exatamente o fogo?” A professora queria que os alunos entendessem que o fogo é produzido quando as substâncias certas estão presentes e a temperatura chega a certo ponto. Mas, percebeu que a parte técnica da resposta (sendo o fogo uma veloz reação química chamada combustão) seria incompreensível para os alunos. Por isso, respondeu-lhes dizendo: “Por agora, talvez seja melhor perguntarmos o que ocorre no plano químico antes, durante e depois que vemos ou sentimos o fogo”.

Enquanto os alunos ativavam os bicos de Bunsen e as chamas mudavam de amarelo para azul, era importante que compreendessem que as substâncias originais mudariam enquanto a chama continuasse ardendo e que, literalmente, acabariam se transformando em uma substância distinta. Esta realidade sobre o fogo pode ser aplicada também ao nosso conceito sobre Deus.

Hebreus 12:29 declara que “nosso Deus é fogo consumidor”. De igual maneira, quando nós, que somos de uma substância particular, estamos próximos de Deus que é fogo consumidor, somos mudados e transformados em algo novo. E mais, o fogo requer oxigênio e algum tipo de combustível para poder arder.

João Batista ensinou que “...ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. Em sua mão tem a pá, e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará.” (Mateus 3:11, 12). O batismo do Espírito Santo que Jesus trouxe arderá de tal maneira que alcançará o mais profundo de nossas almas e consumirá nossos erros, preconceitos e egoísmos, como palha, nas profundezas de nossas almas.

Um antigo cântico diz: “No altar de Deus o fogo está aceso. Ninguém o poderá apagar, porque o fogo do Senhor em meu co-

ração está”. O fogo de Deus pode arder incessantemente, produzindo calor e luz. Certamente, se permitirmos que o fogo de Deus consuma uma só coisa sequer em nossa vida, Ele nos dará, em troca, algo purificado e infinitamente valioso.

Houve uma época, não faz muito tempo, em que era um elogio dizer que um ministro “tinha o fogo de Deus” ou declarar que “o fogo do avivamento havia se espalhado”. Em ambos os casos, alguém havia permitido que o fogo de Deus o consumisse e visse com seus próprios olhos que esse fogo o havia transformado. Era precisamente o testemunho dessa vida transformada que tanto os crentes como os céticos religiosos achavam fascinante. O movimento carismático começou basicamente com o simples testemunho de vidas que eram mudadas do status quo—previsíveis e insípidas—para um estado de fervor, peculiaridade e frescor.

O fogo é um calor luminoso, incandescente, brilhante e intenso. Em si, o fenômeno do fogo é fascinante. Há provas do fogo do Espírito Santo em sua vida? Devemos nos fazer esta pergunta: “O que acontece antes, durante e depois de vermos ou sentirmos o fogo do Espírito Santo?” Nossa resposta correta deve ser “ficamos incendiados com esse fogo”.

Carmen Casey,  
pastora e esposa do Supervisor Nacional  
Queensland, Austrália.

Nota: Este artigo foi publicado na edição de julho de 2010 do Mensageiro Ala Blanca [em inglês].

## A santidade: Andar no Espírito Santo

Carmen Casey escreveu no artigo anterior que o fogo do Espírito Santo muda a substância do que incendeia. Essa é, talvez, a maneira mais direta e simples de explicar como o Espírito Santo de Deus opera para produzir a santidade na vida do crente. Sua influência nos muda e nos transforma constantemente, passo a passo, à medida que o fogo do Espírito Santo arde e trabalha em nós.

A ilustração do fogo do refinador é um grande exemplo bíblico que descreve este processo (Malaquias 3:3). O minério de um metal fino, como o ouro, é purificado no fogo. As impurezas são consumidas pelo fogo, pois não podem resistir a seu intenso calor. O minério do ouro se derrete e se transforma de um metal sólido e quebradiço para um metal líquido que se pode moldar. O fogo continua purificando o ouro até que o refinador possa ver seu reflexo nele.

Da mesma forma, o fogo do Espírito Santo de Deus trabalha para purificar todo crente que não resiste nem foge de seu intenso calor. O fogo de Deus consome as impurezas que se acumularam nos esconderijos da alma. O fogo do Espírito Santo derrete toda dureza de coração e faz que o crente, como um metal, torne-se flexível e maleável, podendo ser derramado facilmente nos moldes da vontade e propósito de Deus. O fogo consumidor de Deus não se apagará até que o reflexo de Deus Pai possa ser visto na vida do crente purificado. Certamente, o Espírito Santo, como fogo de Deus, é um agente primário que produz a santidade nos filhos de Deus.

Consideremos alguns versículos que nos farão entender que a obra do Espírito Santo está intimamente relacionada com o divino processo de guiar o crente para a santidade:

*“que eu seja ministro de Jesus Cristo entre os gentios, ministrando o evangelho de Deus, para que seja agradável a oferta dos gentios, santificada pelo Espírito Santo”* (Romanos 15:16). É possí-

vel que em nossa tradição pentecostal tenhamos passado por alto que o crente é santificado pelo Espírito Santo. Tanto Paulo como Pedro usaram a frase, “santificação pelo Espírito Santo”, em seus escritos sobre os crentes (2 Tessalonicenses 2:13; 1 Pedro 1:2). Sabemos que a Bíblia fala do Espírito Santo usando o pronome pessoal “Ele”; e aonde quer que Ele esteja presente, estará ativo para produzir a santidade na vida dos crentes. Certamente, qualquer geração que permite que os dons do Espírito Santo tenham mais importância que Sua obra santificadora, arrisca-se a distanciar-se do conceito correto da obra e pessoa do Espírito Santo.

*“Digo, porém: Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne. Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; e estes opõem-se um ao outro; para que não façais o que quereis”* (Gálatas 5:16, 17). A maioria concorda que a santidade é grandemente auxiliada por qualquer influência que ajude a evitar que o crente seja dominado pelos desejos carnis. Paulo declara amplamente que andar no Espírito Santo trará este nível de vitória para a vida do crente. Ele nos dá a enfática declaração: “Andai em Espírito Santo, e não cumprireis...” Esta é uma promessa bíblica do que o Espírito Santo trará para qualquer vida que se submeta ao abrigo de Sua presença. A passagem passa a enumerar primeiramente as obras da carne e logo, o fruto do Espírito Santo. Esta oposição entre as obras carnis e o fruto do Espírito Santo é um passo adicional do contraste paulino para mostrar que nosso andar no Espírito Santo nos ajuda a evitar as obras carnis, e que também produz o fruto visível do Espírito Santo na vida do crente. Este tipo de vida, evitando as obras carnis e demonstrando o fruto do Espírito Santo, é uma forma de descrever a vida santificada pelo Espírito Santo.

“Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito. Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.” (Romanos 8:1, 2). Ao escrever esta passagem de Romanos, Paulo expõe “a vida no Espírito Santo” como a solução para o problema humano da carnalidade pecaminosa. Esta é, possivelmente, a mais extensa passagem do Novo

Testamento que declara que o poder do Espírito Santo outorga ao crente a vitória sobre o pecado. A palavra “Espírito Santo” aparece mais de quinze vezes neste capítulo. Observe algumas das declarações de Paulo sobre “a vida no Espírito Santo”:

- Andar no Espírito Santo não traz condenação (v. 1).
- A lei do Espírito Santo de vida em Cristo Jesus nos livra da lei do pecado e da morte (v. 2).
- Aquele que pensa nas coisas do Espírito Santo (o crente) desfruta de vida e paz (v. 6).
- A vida vem do Espírito Santo de Deus que mora em nós (vv. 10–13).
- Os que são guiados pelo Espírito Santo são filhos de Deus (v. 14).

*“Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.”* (1 Coríntios 6:19, 20). A presença do Espírito Santo de Deus no interior leva Paulo a empregar a analogia do templo. Nossos corpos são templo de Deus. Hoje o vocábulo “templo” ainda evoca a imagem de um lugar sagrado. Este sentir era ainda mais prevalente na época em que Paulo escreveu estas palavras. Como antes, hoje sabemos que o templo é um lugar no qual não se devem permitir coisas irreverentes e muito menos vis ou imorais. Paulo está ressaltando que, com a entrada do Espírito Santo em nossas vidas, convertemo-nos instantaneamente no lugar de morada da terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo. Como consequência, tudo deve convergir para glorificar a Deus. Por natureza, rejeitamos o pecado e a sujeira do mundo, e aceitamos tudo aquilo que honre e exalte a nosso Senhor.

*“E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado”* (Romanos 5:5). O pináculo da santidade é o amor, segundo o grande mandamento: *“Amarás ao Senhor teu Deus...”* (Mateus 22:37). Paulo diz aqui, aos romanos, que é o Espírito Santo de Deus quem derrama o amor de Deus em nossos corações. Não nos é inerente amar nem reagir à maneira de Deus. Os seres hu-

manos não têm a capacidade de gerar tal classe de amor. Embora tentemos, não nos será possível. Mas, pela obra do Espírito Santo, o amor de Deus se aciona em nossos corações. Sem a ajuda do Espírito Santo, só teríamos uma santidade sem sua qualidade principal: o amor de Deus.

“Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus” (Romanos 8:14). A santidade supõe uma relação duradoura com nosso Deus santo, que se desenvolve à medida que o cristão é guiado pelo Espírito Santo. Nosso andar no Espírito Santo desenvolve intimidade com o Deus da santidade. Como em qualquer outra relação, quanto mais tempo o crente passar com Deus, mais se parecerá com Ele. Esta máxima é verdadeira: convertemo-nos naquilo que adoramos. Que os santos em todas as partes adorem fervorosamente a Deus na plenitude do Espírito Santo! Enquanto adoramos e andamos no Espírito Santo, veremos que a santidade de Deus se manifesta cada vez mais através de nossas vidas.

## Pode-se viver em santidade

### Salmo 24:1–6

Os públicos televisivos e cinematográficos de hoje em dia, veem uma gama de espetáculos de temática paranormal que enfatizam os poderes sobrenaturais nos seres humanos. Alguns dos filmes e programas de televisão mais populares nos E.U.A., tais como Sobrenatural, Crepúsculo, Heroes, Superman, e Harry Potter incentivam as pessoas a crerem no milagroso e no sobrenatural. A cultura ocidental atual está disposta a aceitar a possibilidade de que o sobrenatural acontece.

Seja por entretenimento ou por crença no ocultismo, parece haver uma maior aceitação do sobrenatural possibilitando a santidade. Embora nosso movimento aceite seu legado pentecostal, às vezes parece que alguns indivíduos se incomodam com o tema da santidade ou da doutrina da santificação. Este incômodo pode se relacionar diretamente com o ditado popular que diz: “Ninguém é perfeito!” Isto significa que se espera que todos, incluindo os crentes, falhem, decepcionem e vivam abaixo do nível aceito de moralidade. De fato, o problema da sociedade secular é que não se crê na existência de um nível de moralidade objetiva. Porém, as Santas Escrituras nos foram dadas para que conheçamos a verdade e saibamos como viver nela (2 Timóteo 3:15–17).

Há poucos anos, uma das canções cristãs mais populares dizia: “Um santo é simplesmente um pecador que caiu e que voltou a se levantar”. Pergunto-me se um santo é somente isso. Por acaso a vida santificada só consiste dos fracassos que alguém supera?

Alguns já ouviram este ditado: “Não seja mais santo que o Papa”. Com isso o crente é desafiado a deixar de agir como se houvesse um padrão pelo qual seremos julgados. Todas estas crenças parecem seguir a tendência geral da cultura, que supõe que é impossível viver em santidade.

Embora as Escrituras reconheçam que os crentes podem e es-

tão destituídos da justiça de Deus, a provisão do sacrifício de Cristo continua tendo efeito na vida do crente depois da conversão, oferecendo o perdão e o poder para vencer o pecado e viver irrepreensivelmente (1 João 1:9). Todavia é a vontade de Deus que o homem seja santo e santificado (1 Tessalonicenses 4:3). Nossa fé deve possuir este poderoso princípio da vida santificada.

No Salmo 24, o salmista descreve a atitude dos que vivem em santidade. A santidade se vive crendo que todas as facetas da vida pertencem a Deus. “Do SENHOR é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam” (v. 1).

A santidade de Deus é um princípio possessivo e eterno; e quando aceitamos a santidade, vemos a Deus como o dono de todas as coisas. Ele é o dono do mundo, seus povos e tudo o relacionado à humanidade: nossos corpos, nossa vida e nosso tempo. De fato, tudo o que as pessoas reclamam como propriedade sua pertence a Deus!

A mente secular crê que a humanidade não tem um Criador a quem prestar contas. A convicção do crente sobre a santidade de Deus faz com que perceba a vida de um modo completamente distinto. A atitude do crente é semelhante à dos seres angelicais que exclamam em Isaías 6:3: “...Santo, Santo, Santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória”.

A vida no Espírito Santo é vivida cheia de ambição espiritual. O salmista se pergunta: “Quem subirá ao monte do SENHOR?” (Salmo 24:3, Nova Versão Internacional). O salmista está consciente do pedido de Moisés de contemplar a plenitude da presença de Deus; e também deseja fazer o mesmo.

O salmista também reconhece a existência do esforço pessoal, do sacrifício e da fé. Todavia, o que enfatiza é o desejo. Pode-se viver em santidade se assim alguém desejar. O salmista está disposto a subir o monte até chegar onde Deus está! Este monte está completamente reservado para Deus; mas pela fé, uma pessoa também pode chegar-se à santa presença de Deus.

### Deus está acima do monte.

Os montes sempre separam a minoria da maioria. Os que desejam ser santos devem buscar a Deus e distanciar-se da maioria, que se conforma com uma simples existência deísta. Buscar a Deus e Sua santidade requer que nos recusemos a deixar que a maioria molde e determine nosso padrão ou busca de Deus.

Em Mateus 5, depois que as multidões seguiram a Jesus por causa de Seus milagres, só uns poucos indivíduos O seguiram até o monte para ouvi-lo ensinar sobre os assuntos do reino. Os crentes devem buscar a Deus e desejar ver o que Ele vê, ouvir o que Ele ouve e estar onde Ele está. Quando alguém busca a Deus, Ele nos visita na glória de Sua santidade. Quando Moisés procurou ver a glória de Deus, Deus se revelou a ele (Êxodo 33:18, 19). A grande perspectiva do salmista é que qualquer um que anela ser santo e buscar a Deus, pode subir até a Sua presença.

Lembro-me que, quando criança, cantávamos um hino que expressa o desejo do salmista. O hino se intitula “Higher Ground” (Na Mansão do Salvador):

“Lá na mansão do Salvador,  
não há, jamais, tribulação;  
nenhum pesar, nenhuma dor,  
que me quebrante o coração.

Ali não há tristeza e dor,  
nenhum pesar, nem aflição;  
quando eu estiver morando lá,  
darei: não há tribulação.

Pra mim é triste estar aqui,  
mui longe, sim, do Salvador,  
pois moram já com Ele ali,  
os salvos pelo Seu amor.

Perfeito amor encontrarei,  
lá na mansão do meu Senhor,  
completa paz, ai terei,  
pois me dará o Salvador.

Estando lá eu gozarei  
de toda a bênção divinal;  
também, com Cristo reinarei,  
na Sua glória eternal.”

A santidade é desejar algo mais significativo, sublime e profundo em nossas vidas. Para quem procura esta santidade, a presença de Deus outorgará uma vida caracterizada pela pureza, justiça e verdade. Para muitos, a santidade é inalcançável; porém, para o crente a santidade é alcançável.

A santidade é alcançável se temos a atitude correta para com o papel de Deus como dono do mundo, e se estamos dispostos a buscá-lo sem importar o custo. Aos que o buscam, Deus os chama de geração de buscadores. Busque ao Senhor com uma atitude de reverência e com uma ambição motivada pela pobreza espiritual; e você também poderá viver em santidade.

Trevor Reid  
Co-Director Internacional do Ministerio de Jovens  
Cleveland, Tenesí.

Este artigo foi publicado na edição de junho de 2010 do Mensajeiro Ala Blanca [em inglês].

## Conhecer a Deus

“Nosso conhecimento de Deus depende da revelação de Sua presença pessoal. É inútil apresentar argumentos a quem não se confrontou com Sua presença. Por outro lado, é gratificante argumentar com quem já se confrontou com a mesma”.<sup>1</sup>

### Conhecer por yada.

O vocábulo hebraico yada significa “conhecer” e é empregado frequentemente no Antigo Testamento. No Novo Testamento, o vocábulo grego ginoskein tem um significado parecido com o conceito e uso do “yada” em hebraico, pois os autores neotestamentários eram de fundo judaico, e empregavam yada com frequência.

Este é um vocábulo que significa conhecer mais com o coração que com a mente, um conhecimento que não vem por observação objetiva, mas por participação ativa e intencional na experiência vivida. Na mentalidade hebraica, o conhecimento não consiste de uma posse de informação. Mas sim, o conhecimento existe para ser exercido ou realizado.<sup>2</sup> Na mente hebraica, “conhecer” apontava mais para o relacional, experimental e participativo. A mentalidade grega da época do Novo Testamento havia mudado e concebia o conhecimento como algo objetivo, distante e racional. Com o advento de Cristo e do evangelho, a conotação pessoal e relacional do termo hebraico yada foi o que mais eficazmente transmitiu Sua verdade.

Cristo, o Filho de Deus, foi uma pessoa que se devia conhecer e crer de maneira íntima. Ele não foi uma simples verdade declarada nem um dado documentado. Ele exigia um compromisso integral de cada pessoa, além de uma mera aceitação intelectual. Para conhecer a Cristo, os crentes têm que experimentá-lo (yada). Ninguém pode conhecer a Cristo por tê-lo estudado ou observado (a mentalidade grega). Deve-se crer em Cristo, confiar nEle, obedecê-lo e recebê-lo; ou seja, experimentá-lo de uma maneira pessoal (yada).

### **Jesus**

Em João 17:3, Jesus chama os crentes a terem uma experiência com Ele: “E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste”. Ao compreender o conceito do yada, esta escritura se distancia do conceito superficial da salvação pelo conhecimento e aceitação mental, e se aproxima do conhecimento profundo e relacional do desafio permanente de ter comunhão com Cristo. Jesus não estava insinuando que Seus discípulos tiveram um mero conhecimento mental, mas que desejava que experimentassem uma plena relação com Deus para uma vida de ministério e de satisfação.

### **Paulo**

Filipenses 3:10 diz: “para conhecê-lo, e a virtude da sua ressurreição, e a comunicação de suas aflições, sendo feito conforme a sua morte”. Esta escritura mostra o sublime chamado a ter uma experiência com Deus. Se alguém teve uma experiência com Deus, certamente foi Paulo, o maior missionário e evangelista do Novo Testamento. Não obstante, no final de seu ministério, vemos que ainda procurava “conhecer” mais a Deus (por experiência). Paulo percebeu que sempre teria mais coisas para descobrir acerca de Deus. Esta será a revelação que se haverá de manifestar na eternidade.

### **Moisés**

Êxodo 33:13 diz: “Agora, pois, se tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que agora me faças saber o teu caminho, e conhecer-te-ei, para que ache graça aos teus olhos...” Neste capítulo, Moisés demonstrou ter um coração resolvido a conhecer a Deus de maneira íntima. Havia ouvido a voz de Deus, foi guiado por um anjo. Deus lhe apareceu na coluna de nuvem, e falado com Ele cara a cara. Porém, Moisés ainda desejava um encontro mais íntimo: ver a glória de Deus. Moisés anelava profundamente conhecer a Deus intimamente.

### **Aplicação**

O vocábulo yada é usado no Antigo Testamento para denotar

uma amizade íntima. O amor entre Jonatan e Davi é um exemplo. A relação indissolúvel que une as pessoas e famílias, ou, incluindo a intimidade da relação sexual, são descritas no Antigo Testamento, também, com o vocábulo *yada*. O conhecimento superficial, que se limita à informação ou ao conteúdo factual, não chega ao compromisso nem à participação denotados no vocábulo empregado no Antigo Testamento. “*Yada*” é como Cristo deseja que Seus seguidores o “conheçam”.

Outra ilustração é o contraste entre o quanto se conhece um casal recém casado e um casal com mais de 50 anos de casados. O primeiro casal se conhece o suficiente por estar casado, enquanto o segundo se conhece muito mais pelos anos de experiência vividos juntos. Repetimos: é assim que Cristo deseja que Seus seguidores o conheçam.

### **Ter uma experiência com Deus e conhecer a Deus.**

Conhecer a Deus “é buscar a Deus, mas não em conhecimento, plenitude, ou em dados, mas é ter um encontro direto com Ele o que é melhor que ouvir um testemunho de segunda mão sobre Ele. Conheçamos a Deus mais do que poderíamos conhecer ao mundo quando eramos pecadores. Quando estávamos no mundo, nenhum de nós estudou para aprender a pecar. Experimentávamos o pecado por atos e participação. Uma pessoa participa do pecado para chegar a conhecê-lo. Ninguém pode dizer que conhece o pecado porque aprendeu em um livro. Tampouco, pode dizer que conhece suas garras viciosas ou apetites destrutivos desta maneira. Assim também, ninguém pode dizer que conhece a Deus por uma simples aceitação mental de Sua existência ou porque assistiu a algum evento religioso”.<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Dallas Willard, *In Search of Guidance [Em busca de direção]* (New York, NY: Harper and Collins, 1993), p. 12.

<sup>2</sup>Thomas H. Groome, *Christian Religious Education: Sharing Our Story and Vision [Educação religiosa cristã: compartilhando nossa história e visão]* (San Francisco, CA: Harper & Row, 1980), p. 141.

<sup>3</sup>Francis Frangipane, *Holiness, Truth, and the Presence of God [Santidade, verdade e presença de Deus]* (Cedar Rapids: IA: Advancing Church Publications, 1986), p. 79.

## A transformação

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”  
(2 Coríntios 5:17).

“A não ser por um princípio radicalmente novo da vida, a humanidade simplesmente não pode chegar longe. A (reforma) necessária só será possível através da presença de Cristo manifestada na vida de Seus filhos que têm alcançado a maturidade e a têm intercalado nas esferas ‘seculares’... A presença real de Cristo, como força diretriz, só aparecerá à medida que os santos ocupem seus lugares correspondentes na santidade e poder de Deus enquanto demonstram ao mundo a melhor maneira de viver em todo o sentido da palavra”.<sup>1</sup>

**Princípio:** As pessoas de coração receptivo são transformadas na presença de Cristo.

A transformação é a meta que Deus tem traçado para todos os que crêem nEle. Romanos 12:2 nos exorta a não nos conformarmos com este mundo, mas “transformar-nos pela renovação” da nossa mente. O versículo tema ensina que a transformação é parte do ato de redenção no momento de receber a salvação; somos regenerados e feitos novas criaturas. No entanto, a transformação é também um processo no qual Cristo forma o crente segundo Sua imagen e semelhança. Não é uma experiência definitiva, mas um processo de Sua graça operando em nós.

O profeta Isaías ilustra a transformação. Seu encontro com Deus é descrito em Isaías 6. Observe que Isaías viu o Senhor e experimentou Sua glória. A partir desta experiência, Isaías se compungiu e foi limpo e chamado. Após experimentar a presença transformadora de Deus, sua vida mudou e jamais voltou a ser igual.

A transformação também se ilustra na vida de Pedro, em Lucas 5:1–11. Ante a revelação que Pedro recebeu no mar, reagiu de várias maneiras. Estas reações, com frequência, são típicas de quem percebem que estão ante a presença do Senhor:

Pedro se <b>rendeu</b> .	Sua <b>auto-suficiência</b> foi destruída.	<b>Humilhou-se</b> .
Pedro <b>confessou</b> .	Sua <b>santarronice</b> foi destruída.	<b>Arrependeu-se</b> .
Pedro ficou <b>assombrado</b> .	Seu <b>conceito próprio</b> foi destruído.	Pedro <b>creu</b> .
Pedro <b>respondeu</b> .	Seu <b>negócio próprio</b> foi destruído.	Foi <b>chamado</b> .

**Princípio:** A transformação pode ser experimentada tanto gradualmente como instantaneamente. É um processo constante no qual o crente está sendo adequado à imagem de Cristo.

*“Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.”* (2 Coríntios 3:18; veja também Romanos 8:29; 12:1, 2; Gálatas 4:19; Colossenses 3:10).

A transformação é descrita aqui como “metamorfose”. Entendemos por metamorfose o lento processo de crescimento nas plantas, causado pela exposição aos raios solares. Assim mesmo, como crentes, estamos participando no processo contínuo e permanente do crescimento, causado pela exposição a Cristo.

Dallas Willard escreve o seguinte: “Para os seres humanos, a proximidade à santidade é um processo de longa duração e muita dificuldade que envolve todas as nossas habilidades em sua capacidade máxima por um longo período de tempo. Ninguém gosta de ouvir isso. Mal interpretamos muito os testemunhos das experiências de muitos grandes líderes espirituais, e atribuímos sua grandeza a estes grandiosos momentos que experimentaram, enquanto passamos por alto os anos do lento progresso que tiveram que suportar antes.

“Francis de Sales nos aconselha sabiamente a não esperarmos que a transformação ocorra em um só momento, embora seja possível para Deus outorgá-la.

A purificação e cura frequentes, seja do corpo ou da mente, ocorrem pouco a pouco, passando de uma etapa para a seguinte, com paciência. Os anjos que Jacó viu na escadaria, tinham asas mas não voavam, mas subiam e desciam em ordem, de um degrau ao outro. A alma que se levanta do pecado para a devoção pode se comparar com o amanhecer, que enquanto vai chegando, não expulsa as trevas instantaneamente, mas pouco a pouco (Francis de Sales, *Introduction to the Devout Life* [Introdução à vida devota]; Garden City, NY: Doubleday, Image Books, 1957, pp. 43, 44).

“Portanto, é necessário dizer que a conversão definitiva, como os círculos cristãos entendem, não é a mesma requerida na transformação do eu. Ser alcançados pela nova vida do céu não elimina a realidade de quão necessária é uma longa trajetória para a transformação. Este fato é bem ilustrado por algumas das muito conhecidas cenas da vida de um dos amigos íntimos de Jesus, Simão Pedro, a ‘rocha’, que ocasionalmente parecia mais um montão de areia que uma rocha”.<sup>2</sup>

Chave: Seja instantânea ou como um processo gradual, ou ambas, a transformação ocorre naturalmente pela exposição à revelação da presença de Cristo.

<sup>1</sup>Dallas Willard, *Spirit of the Disciplines* [O Espírito da disciplinas] (San Francisco, CA: Harper Collins Publishers, 1988), p. 239.

<sup>2</sup>*Ibid.*, p. 70.

Nota: Esta seção foi tirada e adaptada de *Fundamentos: Formação Espiritual* (Cleveland, TN: Casa de Publicações Ala Blanca, 1997), pp. 13-16.

## Limpos pelo sangue

Um aspecto da tradição da santificação através da história do cristianismo tem sido o conceito de limpeza. O escritor do Salmo 51 exclamou em oração: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto” (v. 10). Quando os crentes são redimidos do mundo, existe um chamado para limparmos o resíduo desse sistema mundano e seus fundamentos. Logo, enquanto os crentes vivem e trabalham neste mundo, existe a necessidade de limpar-nos continuamente das influências mundanas que facilmente podem entrar na mente e no coração do crente. Sem importar a maneira em que se descreva essa limpeza, existem agentes eficazes providenciados para esta obra de limpeza do espírito e da alma. Segundo as Escrituras, o sangue do Cordeiro e a Palavra de Deus são os dois agentes mais proeminentes.

O escritor do Salmo 51 também roga dizendo: “Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve” (v. 7). A ideia do sangue aplicado através de um sacrifício para nos limpar do pecado, provém do Antigo Testamento. O hissopo era uma árvore cujos ramos eram molhados com o sangue do sacrifício para espargi-lo sobre o altar. Hoje, Cristo é nosso sacrifício e Seu sangue é o preço pelo pecado e um agente divino de limpeza. O salmista exclamou: “Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve” (v. 2).

Quão sublime dom os crentes experimentam—serem lavados pelo sangue de Jesus. Da mesma maneira que nos refrescamos com uma ducha para tirarmos a sujeira do trabalho, o suor e o pó, há uma experiência refrescante quando cremos que o sangue de Cristo nos limpa da sujeira do mundo em nosso coração e alma. As bênçãos de uma limpeza santificadora são: ser livres da culpa, das ataduras do inimigo e de nossas próprias influências carnisais, lavar-nos na refrescante fonte divina, cura para nossas feridas, e sermos livres da amargura e inimizade. Seja que experimentemos a limpeza pela primeira

vez na obra de santificação, ou que sintamos o refrigério intermitente de novas limpezas, o sangue de Cristo é eficaz.

O Novo Testamento reforça: “quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?” (Hebreus 9:14). Sem dúvida alguma que em nossa peregrinação nesta vida, o pó de um mundo caído e perdido pode pegar com facilidade em qualquer um de nós. Sem percebermos, suas atitudes podem nos atingir. Seus ideais e conceitos podem vir sobre nós. Nossa natureza humana é, frequentemente, suscetível a influências emocionais carentes de graça, tais como a amargura ou a inimizade. Graças a Deus, temos um Salvador que nos providenciou a vitória inicial sobre nossa situação caída e nos oferece uma limpeza contínua por Seu precioso sangue. É maravilhoso ajoelharmos para pedir a graça de um novo lavar em Seu sangue e levantar-nos com certeza e alegria por termos sido renovados e limpos uma vez mais.

“Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto. Não me lances fora da tua presença e não retires de mim o teu Espírito Santo. Torna a dar-me a alegria da tua salvação e sustém-me com um espírito voluntário.” (Salmo 51:10–12).

“Quem pode entender os próprios erros? Expurga-me tu dos que me são ocultos. Também da soberba guarda o teu servo, para que se não assenhoreie de mim; então, serei sincero e ficarei limpo de grande transgressão. Sejam agradáveis as palavras da minha boca e a meditação do meu coração perante a tua face, SENHOR, rocha minha e libertador meu!” (19:12–14).

“Prevalecem as iniquidades contra mim; mas tu perdoas as nossas transgressões.” (65:3).

“Ajuda-nos, ó Deus da nossa salvação, pela glória do teu nome; e livra-nos e perdoa os nossos pecados, por amor do teu nome” (79:9).

“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 João 1:9).

“Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós.” (1 Coríntios 5:7).

## Limpos pela Palavra

Sem dúvidas, as Escrituras também declaram que a Palavra viva de Deus é um competente agente de limpeza na vida do crente. O salmista testemunhou dizendo: “Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti.” (Salmo 119:11). Em sua clássica passagem sobre a igreja, Paulo escreve aos efésios, dizendo: “para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra” (Efésios 5:26). E Cristo, em Seu papel de Sumo Sacerdote, rogou por todos os crentes, dizendo, “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.” (João 17:17). Vemos claramente que a Palavra de Deus desempenha um papel principal no processo de limpeza dos crentes em crescimento.

Paulo escreveu a Timóteo estas clássicas palavras que são bem conhecidas na igreja de hoje: “Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra.” (2 Timóteo 3:16, 17).

Paulo entendeu que a Palavra de Deus era o agente que podia agir sobre o recém convertido que ainda batalhava com sua vida passada, limpando-o e ajustando-o a um novo e vivo caminho: o caminho da justiça. Deus inspirou a Palavra para causar o milagre de converter uma vida sob o poder destrutivo do pecado para uma vida perfeita e preparada para toda boa obra.

As mães e os nutricionistas compartilham um provérbio que nos diz frequentemente: “Somos o que comemos”. Os tecnologistas da informática nos dizem que um computador só tem a inteligência que lhe é dada: “Se você lhe der lixo, ele vai lhe devolver lixo”. Portanto, tem sentido o crente se comprometer a encher sua alma da Palavra viva. É a eterna e divina Palavra que, por natureza, transforma e influencia a todos os que a recebem. Não é um livro comum e habitual. Ela dá mais vida que as palavras comuns. Deus tem se revelado ao homem mediante as páginas de

Sua Santa Palavra. Quando estas páginas da revelação são recebidas no coração e na mente do crente, ocorre uma reação divina que nos limpa da velha vida e nos dá uma vida nova segundo a imagen e a vontade de Deus. A Bíblia faz a seguinte pergunta: “Com que o jovem limpará seu caminho?” A resposta nos é dada imediatamente: “Prestando atenção na Palavra de Deus” (Salmo 119:9, parafraseado). Isto se asemelha ao que Jesus disse aos Seus discípulos: “Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado.” (João 15:3).

Que mensagem a igreja de Jesus Cristo tem para o pecador agoniado, que deseja ser livre e limpo da influência constante do mal e da destruição, neste mundo? Tem uma palavra de esperança? Tem poder libertador? Isaías tem a resposta de Deus para nós: “Vinde, então, e argüi-me, diz o SENHOR; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã.” (1:18).

Um estudo cuidadoso das passagens seguintes nos levará à sólida conclusão que a Palavra de Deus limpará qualquer pessoa que decida encher sua mente e alma com Sua verdade:

“A lei do SENHOR é perfeita e refrigera a alma; o testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos símplices. Os preceitos do SENHOR são retos e alegam o coração; o mandamento do SENHOR é puro e alumia os olhos. O temor do SENHOR é limpo e permanece eternamente; os juízos do SENHOR são verdadeiros e justos juntamente. Mais desejáveis são do que o ouro, sim, do que muito ouro fino; e mais doces do que o mel e o licor dos favos. Também por eles é admoestado o teu servo; e em os guardar há grande recompensa.” (Salmo 19:7–11).

“Como purificará o jovem o seu caminho? Observando-o conforme a tua palavra. De todo o meu coração te busquei; não me deixes desviar dos teus mandamentos. Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti.” (119:9–11).

“Desviei os meus pés de todo caminho mau, para observar a tua palavra.” (v. 101).

“para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra.” (Efésios 5:26).

“Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.” (João 17:17).

“porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificada.” (1 Timóteo 4:5).

“Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração.” (Hebreus 4:12).

“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade... Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra.” (2 Timóteo 2:15; 3:16, 17).

“Pelo que também damos, sem cessar, graças a Deus, pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes.” (1 Tessalonicenses 2:13).

## A santidade mediante a transformação da mente

A Palavra de Deus tem poder para transformar o crente na imagem e glória de Cristo. A história do cristianismo, frequentemente, tem interpretado as palavras de Paulo aos santos de Corinto, como uma referência à Palavra de Deus: “Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.” (2 Coríntios 3:18).

Certamente, a Palavra de Deus é uma fonte da glória de Deus, qual espelho que reflete Sua mente e coração. Assim que, quando o crente a estuda com regularidade, a transformação ocorrerá com naturalidade. Por acaso pode alguém contemplar a glória de Deus, em qualquer forma, e não experimentar o poder transformador de Cristo? A Palavra de Deus é uma fonte segura de Sua gloriosa revelação e quanto mais nos aproximamos dela, mais influência transformadora receberemos em nossas vidas.

Paulo descreveu este processo transformador com a frase “de glória em glória”. De muitas maneiras, a santificação consiste exatamente nisso: os passos e etapas da vida cristã nas quais—por muitas intervenções de Deus e influências de Sua glória— vamos deixando de ser pecadores perdidos, caídos e carnais para alcançar o alvo da imagem de Deus refletida em nós. A Santa Escritura é um agente primário neste processo de limpeza e transformação.

É bom compreender que esta atividade transformadora da Palavra de Deus inclui a limpeza das influências negativas, mas também inclui o processo de criar um caráter piedoso na vida do crente. Por um lado, é como um manancial que purifica a água ao fazê-la fluir sobre as rochas, eliminando as impurezas, paulatinamente. A obra da Palavra de Deus aplicada em nossas vidas tem, normalmente, o mesmo efeito de eliminação das impurezas à medida que as águas da revelação e a verdade fluem sobre nossas almas. Por outro lado, essa corrente de água faz pressão constantemente sobre as rochas

da montanha, de maneira que, com o passar dos anos, as mesmas mudam e se tornam arredondadas e alisadas. Do mesmo modo, a constante aplicação da eterna Palavra de Deus age com o passar do tempo, reformando e formando nossos corações na gloriosa imagem de Cristo Jesus.

Tiago ajuda a expandir a ideia da mudança dramática pela influência da Palavra quando disse: “Pelo que, rejeitando toda imundícia e acúmulo de malícia, recebei com mansidão a palavra em vós enxertada, a qual pode salvar a vossa alma.” (Tiago 1:21). Tiago emprega, aqui, a ilustração do enxerto, procedimento que os agricultores usam, frequentemente, no cultivo de árvores frutíferas. É obvio que ele está falando sobre limpeza quando começa a rogar aos santos para deixarem a imundícia e a malícia. Depois mostra como fazer a limpeza quando diz aos crentes a receberem a palavra “enxertada”.

Talvez alguns indivíduos não percebam que o processo de enxertar a Palavra de Deus em nossos corações é uma ação da graça que nos dá poder para deixar de lado as influências negativas (como a imundícia e a malícia) e desenvolver a imagem de Cristo em nós. Assim como uma laranjeira pode receber um ramo de um limoeiro pela ciência do enxerto, o crente pode receber a purificação pela Palavra de Deus implantada em uma vida estragada pela tentação ou influências malignas. Imagine quanto poder tem a viva e eterna Palavra, que quando enchemos nossa mente com a mesma, produz em nós frutos de piedade e conformação à imagen de Cristo. O salmista disse: “Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti.” (Salmo 119:11).

Um crente pode focar-se em uma debilidade específica e começar a implantar nela porções, também específicas da Palavra para eliminar a mesma e receber a vitória específica (da Palavra). Por exemplo, um crente pode ter problemas de amargura que parecem impossíveis de vencer e esquecer. Contudo, mediante o princípio do enxerto que Tiago menciona, esse crente pode buscar passagens bíblicas poderosas que falem da vitória sobre a amargura mediante o perdão, a misericórdia e a graça. O poder destas escrituras pode ser enxertado na alma através da meditação, memorização e saturação. No final das contas, o poder da Palavra enxertada terá produzido o

fruto da misericórdia e do perdão, rompendo assim com o jugo de amargura nesta vida.

Paulo também menciona o princípio da transformação pela Palavra: “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.” (Romanos 12:2). Como temos visto, é evidente que a Palavra de Deus tem o poder para transformar nossas vidas. Há muitas influências competindo, constantemente, para exercer o poder de transformar-nos: a cultura, os amigos, a publicidade, as instituições etc. A maioria destas influências não são motivadas pela graça de Deus. O que o crente pode fazer para evitar se moldar a todas estas pressões que o rodeiam? Quando aplicamos a Palavra de Deus, pela leitura, meditação, memorização, estudo e oração, a divina influência e vida da Palavra começa a reestruturar nossos pensamentos para conformá-los com os pensamentos de Deus encontrados em Sua Palavra. Assim, nos livra das influências nocivas deste mundo e nos liberta para viver e andar como Cristo.

Por último, a palavra que Deus deu a Josué se torna em nosso guia enquanto procuramos encher nossos corações com a Palavra de Deus e experimentar seu poder transformador: “Não se aparte da tua boca o livro desta Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo quanto nele está escrito; porque, então, farás prosperar o teu caminho e, então, prudentemente te conduzirás.” (Josué 1:8).

“Pelo que, rejeitando toda imundícia e acúmulo de malícia, recebi com mansidão a palavra em vós enxertada, a qual pode salvar a vossa alma. E sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não cumpridor, é semelhante ao varão que contempla ao espelho o seu rosto natural; porque se contempla a si mesmo, e foise, e logo se esqueceu de como era. Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito.” (Tiago 1:21–25).

“Filho meu, se aceitares as minhas palavras e esconderes contigo

os meus mandamentos, para fazeres atento à sabedoria o teu ouvido, e para inclinares o teu coração ao entendimento, e, se clamares por entendimento, e por inteligência alçares a tua voz, se como a prata a buscares e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do SENHOR e acharás o conhecimento de Deus.” (Provérbios 2:1–5).

“Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, tem o seu prazer na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite. Pois será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará.” (Salmo 1:1-3).

“Oh! Quanto amo a tua lei! É a minha meditação em todo o dia!” (119:97).

“Não se aparte da tua boca o livro desta Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo quanto nele está escrito; porque, então, farás prosperar o teu caminho e, então, prudentemente te conduzirás.” (Josué 1:8).

“E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te” (Deuteronômio 6:6, 7).

“Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.” (2 Coríntios 3:18).

“Ora, estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica, porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim.” (Atos 17:11).

“E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vosso coração.” (2 Pedro 1:19).

“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhará-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha.” (Mateus 7:24).

## A crucificação e a santidade

Tenho ouvido dizer que Cristo na cruz é um retrato da salvação, e que nosso eu na cruz é um retrato da santificação. A Bíblia chama, claramente, o crente a morrer, como disse a célebre exortação de Cristo: "...tome sobre si a sua cruz e siga-me." (Mateus 16:24). A cruz era um cruel instrumento de morte. Cristo esteve disposto a aceitar esse sofrimento por amor a nós, e agora nos chama para encontrarmos nosso lugar nesta cruz para que experimentemos Sua plenitude e derrotemos os avanços enganosos de Satanás em nossa carne.

Embora a crucificação da carne seja uma doutrina central da igreja através dos tempos, hoje em dia não está na moda, e raras vezes se ouve no púlpito. A tendência da cultura nas passadas décadas tem sido exaltar a bondade do homem, incluindo sua natureza humana. Embora a queda tenha corrompido a natureza do homem, parece que a reação atual do cristianismo se concentra em dar lugar a este movimento que exalta a bondade do homem. Pregar e ensinar que a carne é a via favorita do inimigo para enganar e incitar para o mal se converteu em algo politicamente incorreto. O espírito deste século parece indignar-se por qualquer declaração que afirme que a abnegação e a crucificação são duas coisas necessárias. Portanto, como já não se prega contra a carnalidade nem a crucificação, temos dado ao inimigo a liberdade de agir na natureza carnal do crente para assim expandir sua influência maligna. Por isso, o crente fica muito debilitado, por não dizer impotente, para viver a vida cristã vitoriosa, dependendo apenas da confissão, da misericórdia e da aplicação parcial da graça, e incapaz de progredir para a perfeição (2 Coríntios 7:1).

Por outro lado, Paulo escreve detalhadamente sobre as virtudes da crucificação da carne em várias de suas epístolas. Porém, em Romanos 6 o faz de maneira mais clara e enfática. Observe estes preceitos: morrer para o pecado, evitar o pecar continuamente. Podemos ser sepultados na morte como Cristo, para

depois sermos ressuscitados como Cristo, para uma nova vida. Nosso velho homem pode ser crucificado. O corpo do pecado pode ser destruído. Não temos que ser escravos do pecado. Nunca devemos pecar simplesmente porque temos a graça. Cada uma destas verdades são descritas neste poderoso capítulo.

A clássica passagem sobre a auto-crucifissão é o testemunho de Paulo em Gálatas 2:20: “já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.”

Este chamado à igreja dos gálatas se parece com as palavras de Paulo em Romanos 12:1 onde ele pede aos crentes que se apresentem a si mesmos como um “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”. Esta é a chave que o distingue do conceito do sacrifício no Antigo Testamento. No Novo Testamento, o homem crucificado vive, embora em uma modalidade completamente nova. Paulo explica isso aos gálatas quando disse: “...e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim”. Romanos 6 nos ajuda também a explicar esta ideia, quando diz: “...considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor.”(v. 11). Assim que, o chamado neotestamentário para a crucificação é um chamado a morrer para o eu, para o pecado, e para viver em Cristo pela fé.

Paulo disse à igreja de Corinto: “Eu morro diariamente”. Então, esta crucificação que Paulo nos prescreve é uma meta que se pode procurar diariamente. No transcurso da vida, todos os crentes experimentam momentos nos quais se sentem mais vivos para com a carne que para com Cristo e Seu Espírito Santo. Nosso consolo repousa em saber que, pela graça, podemos nos unir a Cristo diariamente, tanto em Sua morte como em Sua ressurreição para uma nova vida. Não temos que viver sob os impulsos de nossa carnalidade e natureza humana. Podemos nos levantar com Cristo para a vida vitoriosa com Ele. Embora a cultura atual opine que a crucificação é uma religião dura, tortuosa e extrema, os que experimentam sua graça sabem que conduz a uma nova classe de poder para viver em Cristo pela fé.

Este contínuo peregrinar de ascensão para a santidade de Cristo pode ser visto no desejo de Paulo. Aos santos de Filipos ele escreveu, dizendo: “Não que já a tenha alcançado ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.” (Filipenses 3:12–14).

Enquanto refletimos sobre o chamado à santidade, permita Deus que Sua graça nos conceda o mesmo desejo que Paulo teve de procurar a imagem de Cristo.

“E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito.” (Gálatas 5:24, 25).

“Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu, para o mundo.” (6:14).

“Palavra fiel é esta: que, se morrermos com ele, também com ele viveremos.” (2 Timóteo 2:11).

“levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados.” (1 Pedro 2:24).

“Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até a perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus.” (Hebreus 6:1).

## A motivação para a santidade: o amor ou a lei?

O caminho para a santidade é o chamado de Deus, e é para nosso bem. Seu fim é trazer a abundância de Deus para nossas vidas. No entanto, é possível converter este chamado em uma série de leis que matam a alma. A fé que depende da lei produz morte.<sup>1</sup>

**Princípio:** Devemos evitar o externalismo, as leis e o controle sobre os demais enquanto fazemos todo o possível para nos aproximarmos da obra divina de transformação interna. Quando falamos lei, referimo-nos às regras da religião que usurpam o lugar da pessoa e da presença de Cristo. Quando uma mãe deixa seu filho, ela lhe dá regras para seguir durante sua ausência. Porém, quando ela está presente, tais regras são transcendidas por sua presença e sua relação pessoal em cada momento. O mesmo acontece com Cristo e nossa meta de sermos conformados em Sua santa imagem. Não devemos simplesmente seguir Suas regras; Ele quer acompanhar-nos e estar conosco constantemente através da pessoa e obra do Espírito Santo.

O legalismo é equivalente à superstição. “O legalismo sustenta que os atos visíveis que se ajustam às regras de conduta explícita, fazem-nos ser justos e aceitos por Deus, e dignos de receber Sua bênção”.<sup>2</sup> A superstição também faz o mesmo mediante seus encantamentos e feitiços. Jesus compara tais condutas religiosas com a justiça dos escribas e fariseus (Mateus 5:20). É muito interessante notar que fariseus eram motivados por duas coisas: o orgulho ou o temor. Se uma pessoa era um “bom” fariseu, logo sentia o orgulho de saber que estava entre os melhores judeus da nação. Se era um “mal” fariseu, motivava-se a melhorar por medo de ser desmascarado como um quebrantador da lei. Estas duas motivações são muito inferiores à motivação divina do AMOR.

Um agricultor não tem o poder de produzir o grão; somente Deus pode fazê-lo. Não obstante, o agricultor sabe que deve semear a semente no lugar correto para que creça. O crente não tem a capacidade de produzir fruto espiritual nem efeitos eternos. Ao mesmo tempo, cada crente pode promover um ambiente apropriado para o crescimento em sua própria vida, progredindo assim na santidade.

Imagine que há um profundo precepcício de cada lado de um estreito caminho. O caminho é o da formação espiritual através das disciplinas que nos levam para a santidade. À direita, encontra-se a falência moral dos esforços humanos (o legalismo). Isto é chamado de moralismo. À esquerda, encontra-se a falência moral da libertinagem, chamada de antinomianismo (anarquia). Apenas o estreito caminho nos leva à obra transformadora de Deus, de glória em glória e de fé em fé. Em toda a história do cristianismo encontramos pessoas que fracassaram em ambos os nextremos. Deus nos chama para termos uma relação com Ele, não com regras e fórmulas, nem com a anarquia ou com uma fé nominal.

### **A chave do equilíbrio**

Devemos manter o equilíbrio, o que consiste em estar plenamente conscientes de nossa dependência do Espírito Santo, e saber plenamente que é nossa responsabilidade cumprir com Sua vontade. Superenfatar qualquer das duas verdades prejudicará esse equilíbrio. Superenfatar nossa dependência pode criar passividade, enquanto que superenfatar nossa responsabilidade produz culpa e tensão. A vida cristã frutífera encontra-se no ponto médio entre esses dois polos. Preste atenção às seguintes passagens que apóiam cada um destes temas:

- A dependência: “Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece.” (Romanos 9:16; ver também Eclesiastes 9:10–12; 2 Coríntios 3:5, 6; João 3:27; 6:63; 15:5; Jeremias 10:23; 2 Coríntios 12:9, 10; Provérbios 3:5, 6; Zacarias 4:6).
- Nossa responsabilidade: “Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus.” (2 Corín-

tios 7:1; ver também 2 Timóteo 2:21; 1 Tessalonicenses 4:4; 1 Pedro 3:15; 2 Pedro 1:5–8; 1 João 1:7; Colossenses 3:5 (mortificai);8 (despojai-vos); 12 ( revesti-vos); Filipenses 2:12 (operai).

- A graça: “Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade.” (Filipenses 2:13; ver também Colossenses 1:29; 1 Coríntios 15:8, 9; Hebreus 13:21; 1 Coríntios 15:8–10).

### **A metáfora de Orígenes sobre a graça e as obras**

Nossa vida é como uma espaçonave que partiu numa viagem. O vento é como a mão de Deus que nos move em Sua vontade. Nós, como capitães, içamos as velas para colaborar com o vento. Sem o vento, nossas obras são vãs; e sem nossa cooperação, o poder do vento para guiar nossas vidas é desperdiçado.

### **O amor**

As disciplinas espirituais não são obras para se obter a justiça, mas uma relação amorosa na qual o namorado aproveita cada oportunidade para estar na presença do objeto de seu afeto. Henry Nouwen disse corretamente:

“Esta eterna comunhão de amor é o centro e a fonte da vida espiritual de Jesus, uma vida de ininterrupta atenção ao Pai no espírito de amor. O ministério de Jesus se origina nesta vida. Suas comidas e jejuns, Suas viagens e descansos, Suas pregações e ensinamentos, Seus exorcismos e curas eram realizados neste espírito de amor. Nunca compreenderemos o significado da estranha diversidade do ministério de Jesus, a menos que entendamos que todas estas coisas têm a mesma raiz: ouvir o Pai na intimidade do amor perfeito. Quando entendermos isto, também perceberemos que a meta do ministério de Jesus é nada menos que trazer-nos para esta comunhão íntima.”<sup>3</sup>

### **Maria e Marta**

O contraste entre as duas irmãs de Lázaro ilustra claramente

as motivações opostas do amor e da lei (Lucas 10:38). Marta estava cheia de deveres, servindo perfeitamente na cozinha e desempenhando os serviços que creu serem urgentes. Mas, Maria se aproximou de Jesus por puro desejo e interesse; estava contente em estar na presença do Mestre para ouvi-lo e adorá-lo. Ela também sentiu a tensão das coisas urgentes, porém escolheu a parte importante primeiro. “E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada” (vv. 41, 42).

Considere este contraste: Marta recebeu a visita do Senhor, enquanto Maria permaneceu junto do Senhor. Marta estava inquieta, agitada e conturbada, enquanto Maria estava feliz. Marta falou com o Senhor, enquanto Maria assentou-se aos Seus pés para escutá-lo. Marta estava longe, na cozinha, enquanto Maria estava perto. Marta servia a Jesus, enquanto Maria o adorava. Marta tinha uma queixa, enquanto Maria estava tranquila. Marta estava em constante movimento, enquanto Maria estava quieta na presença de Cristo. Marta recebeu uma repreensão, enquanto Maria recebeu um elogio. Marta estava turbada com muitas coisas, mas Maria escolheu a melhor parte. Marta veio a ser conhecida para sempre como a inquieta, enquanto Maria foi imortalizada por Cristo.

Senhor, ajude-nos a compreender que Tua santidade só é recebida em uma amorosa relação Contigo, e não mediante as leis escravizadoras da religião.

<sup>1</sup>Palavras de William Barclay, parafraseadas por Richard Foster, *Celebration of Discipline* [Celebrando a disciplina] (San Francisco, CA: Harper & Row, 1978).

<sup>2</sup>Foster, p. 8.

<sup>3</sup>Palavras de Henry Nouwen, citadas por Dallas Willard, *In Search of Guidance* [Em busca de direção] (New York, NY: Harper and Collins, 1993), p. 146.

Nota: Esta seção foi tomada e adaptada de *Fundamentos: Formação Espiritual* (Cleveland, TN: Casa de Publicações Ala Blanca, 1997), pp. 24–26.

## O amor: A meta da vida

A meta da vida para os primeiros cristãos era o amor; e a maneira de obtê-lo, era a humildade. O amor era sua poderosa maneira de desarmar uma sociedade violenta. Não tinham influência política, nem poder econômico, nem uma estrutura social massiva; porém, amavam a Deus, amavam uns aos outros, e amavam o próximo. Transformaram o mundo em que viviam sem guerra nem revoluções, mas com o amor.

### O amor é perfeição

“Até o dia de hoje, a definição que Wesley deu ao termo perfeição não foi superada, e ainda carrega a essência do que a palavra significa no movimento de santidade... No final de seu livro *A Plain Account* (Uma clara explicação da perfeição cristã), Wesley resume sua doutrina com estas palavras: ‘O que quero dizer com perfeição é o humilde, bondoso e paciente amor por Deus e nosso próximo, o que controla nosso caráter, palavras e atos’. Ele teve o cuidado de guardar-se de ter uma perspectiva farisaica ou legalista da perfeição... Para Wesley, como nas Escrituras, a perfeição cristã significa amor perfeito. Os mais claros expoentes da doutrina a têm interpretado da mesma forma através dos séculos... Por isso, em seu sermão sobre a perfeição cristã, Wesley disse: ‘(o amor perfeito) é simplesmente outro termo para referir-nos à santidade. São dois termos que designam a mesma coisa’”.<sup>1</sup>

### A perfeição, definida negativamente

Nossa maneira de conceber a perfeição como algo negativo teria causado temor entre os antigos pais da igreja. O evangelho é claro em seu chamado (Mateus 5:48; 1 Pedro 1:15, 16). Eles não tinham intenção alguma de advogar por um frio apego às regras, nem de afirmar uma completa liberdade da tentação. Os que

eram tentados com menor freqüência, eram tidos por indivíduos que Deus sabia que poderiam resistir muito pouco.

Observe o contexto de Mateus 5: “Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos. Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim? Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus.” (vv. 44–48).

A perfeição que imita o Pai é a perfeição do amor. Esse é o contexto desta passagem. Quando o versículo 48 diz: “Sede vós, pois...”, está se referindo aos quatro versículos prévios, nos quais Jesus descreve uma fascinante qualidade do amor: um amor que nos leva a amar os que nos odeiam. É neste amor surpreendente que Jesus nos chama a ter a perfeição do Pai. A perfeição era, e ainda é, amar a Deus com todo o coração.

O grande mandamento nos mostra a centralidade do amor: “Mestre, qual é o grande mandamento da lei? E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.” (Mateus 22:36–40).

Observe a preeminência do amor em Colossenses 3:14: “E, sobre tudo isto, revesti-vos de caridade, que é o vínculo da perfeição.” Paulo disse que o amor é fundamental e primordial; é o vínculo perfeito. Se alguém espera ser perfeito, o amor é o vínculo que une a tudo.

Observe a preeminência do amor em 1 Timóteo 1:5–7: “Ora, o fim (o propósito) do mandamento é a caridade de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida. Do que desviando-se alguns, se entregaram a vãs contendas, querendo ser doutores da lei e não entendendo nem o que dizem nem o que afirmam.”

Observe que o vocábulo “propósito” é muito significativo. É a raiz de onde se deriva a palavra “perfeito”. Poderíamos dizer desta forma: “A perfeição do mandamento é...” O objetivo, a meta e o destino final aonde o mandamento quer levar a todos é o amor.

Observe a preeminência do amor em 1 Pedro 4:8: “Mas, sobretudo, tende ardente amor uns para com os outros, porque o amor cobrirá a multidão de pecados”. Pela segunda vez, vemos que o amor está conectado com a palavra “sobretudo”. Isto significa que, embora se coloque qualquer outra qualidade religiosa junto com o amor, o amor sempre terá a prioridade. Pense nisso. Logo nos ensina que o amor cobrirá multidão de pecados. Se buscarmos na Bíblia, alguém ou algo separado de Cristo que combata contra o pecado, não o encontraremos. Porém, Pedro disse que o amor tem um efeito profundo ainda sobre o pecado.

Observe a preeminência do amor através de todo o Novo Testamento. Em 1 João 4:7-19 somos ensinados sobre este amor. Por exemplo, ali nos diz que se amamos, somos nascidos de Deus, e se não, não O temos conhecido. Parece que João tinha o amor como sinal supremo de um cristão autêntico. Logo nos diz que a pessoa que vive em amor, vive efetivamente em Deus. E fecha com chave de ouro ao revelar que Deus é amor. É de se surpreender que o amor signifique santidade, perfeição e maturidade?

Não devemos esquecer que João 13:34, 35 nos ensina que o amor é a estratégia evangelística e missionária mais eficaz para ganhar o mundo. Romanos 13:8 nos ordena a não dever nada a ninguém, exceto o amor. Gálatas 5:14 simplifica as coisas grandemente quando Paulo nos ensina que toda a lei se cumpre em uma palavra: amor.

“Esta perfeição do amor não parecia repugnante. Era o chamado de Deus (Mateus 5:48; Lucas 10:27). A igreja primitiva entendia que o temor era um estorvo ao amor, que impedia a perfeição mencionada em 1 João 4:17, 18. O amor fora o medo.

Ser perfeito não é ser compulsivo, nem meticuloso, nem julgar os demais, nem recusar-nos a aceitar nossa pecaminosidade como seres caídos. O amor expressado em humildade era uma maneira de estimar os demais com a mesma importância que a

si mesmo (Filipenses 2:1–7). A humildade era o caminho para o amor; e o amor, a chave para todas as virtudes.

“O amor vence a santarronice do legalismo. O amor se identifica em compaixão e procura curar em vez de criticar e julgar. O amor não é um sentido de dever ou culpabilidade, mas que se alegra no amor de Deus e responde amando os demais.

“Ganhamos uma maior liberdade sobre os apetites e as emoções à medida que crescemos em amor por Deus. Somos mais humanos quando estamos cumprindo o propósito que Deus tinha para nós na criação: amá-lo. Por isso, é um erro dizer: “Sou apenas humano”; devemos dizer: “Estou caído, mas Deus pode restaurar minha humanidade”. “Aproximamo-nos mais de Deus à medida que amamos aos outros. Se Deus é o centro do círculo, e cada raio é uma pessoa, então nos aproximamos de Deus à medida que nos aproximamos uns dos outros. Esta é uma extensão do grande mandamento, que nos manda amar ao próximo como a si mesmo.”

“A motivação nos diz muito. As pessoas se aproximam de Deus primeiramente por temor, depois O buscam por recompensa, e finalmente se aproxima dEle pela relação de amor em Sua comunhão. Esta última é a adoração mais sublime, madura e perfeita.”

“O amor, como emoção, é de curta duração. O amor como disposição ou compromisso, normalmente, ocupa seu lugar no matrimônio, e se transforma em um modo de vida. É exigido escolher, repetidamente, o amor sobre as demais opções, e se requer sua prática continuamente.”

“O temperamento e a disposição são duas formas de ver este amor. O temperamento é imaturo e tomará o controle; mas na maturidade, a atitude que o coração escolher e cultivar haverá de tomar o controle. O amor é, pois, a meta que devemos praticar cada vez mais.”

“O domínio da cobiça é o oposto a esta perfeição. De muitas maneiras, o último mandamento é o supremo. É o mais interno. Relaciona-se diretamente com nosso amor por Deus. Se estamos amando (cobiçando) com nosso afeto, também quer dizer que

não temos entregado, por completo, nossos afetos a Deus. A cobiça se converte no indicador, desde uma perspectiva negativa, de nossos afetos".<sup>2</sup>

1 William M. Greathouse, *From the Apostles to Wesley: Christian Perfection in Historical Perspective* (Desde os apóstolos até Wesley: A perfeição cristã na perspectiva histórica) (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979), pp. 16, 17.

2 Roberta Bondi, *To Love as God Loves* (Para amar como Deus ama) (Philadelphia, PA: Fortress, 1987).

Nota: Esta seção foi tomada e adaptada de *Fundamentos: Formação Espiritual* (Cleveland, TN: Casa de Publicaciones Ala Blanca, 1997), pp. 61–65.

## O chamado à santidade

Jesus disse no Sermão do Monte: “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus.” (Mateus 5:48).

Pedro, citando Levítico 11:44, disse: “mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver” (1 Pedro 1:15).

### O chamado para separar-nos do pecado

O chamado de Jesus e Pedro é muito conhecido porque tem sido a ênfase da história do cristianismo nos passados dois séculos. Este tema bíblico é mencionado em passagens tais como 2 Coríntios 6:17: “Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei”. O vocábulo “santo” se define da seguinte maneira: “hagios, de hagos (algo terrível); sagrado (fisicamente puro, moralmente intachável, ou religiosa e cerimonialmente consagrado): pessoa, coisa, santa”.<sup>1</sup>

Certamente, existe um elemento de ausência de pecado ou qualquer contaminação nesta definição. Porém, a ideia de separação do pecado provém do cenário veterotestamentário do templo, dos sacrifícios e do tabernáculo. Os sacerdotes não podiam tocar coisas imundas, os sacrifícios deveriam ser limpos e sem contaminação, e nenhuma coisa imunda poderia entrar nos lugares santos.

Por equívoco, surgiu a ideia de que a justiça poderia ser contaminada por causa da proximidade ao pecado. No versículo

“Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem” (Romanos 12:21), está presente o pensamento de que o mal pode vencer o bem. Para uma mentalidade veterotestamentária, a implicação seria a de não permitir que o mal nos toque ou contamine.

Na época neotestamentária, vemos na comunidade de Qumran, que se afastou da sociedade para ser o povo puro e santo de Deus. A segunda metade deste versículo foi deixado de lado à medida que a preocupação do mal vencendo o bem tornou-se preeminente.

A vida de Jesus esclarece este ponto de vista extremo sobre a santidade como separação do pecado. Embora Jesus não tivesse pecado, foi visto regularmente com pecadores, durante toda Sua vida.

De fato, isto escandalizou os líderes religiosos de Seu tempo. Eles não permitiam que suas reputações fossem manchadas pelo comer ou socializar com os pecadores, mas Jesus sim. Ele demonstrou que a santidade é uma separação do pecado na esfera do coração, e não um simples rito externo ou observâncias de limpeza e pureza.

### **O chamado a consagrar-nos a Deus.**

Desde uma perspectiva positiva, a santidade é o chamado à consagração completa a Deus. Isto também é viado na estrutura veterotestamentária da adoração de Israel. O sacerdócio levítico deveria estar completamente consagrado ao Senhor e a obra do templo. Não possuíam terras, nem tampouco trabalhavam para sustentar a si mesmos. Deveriam prestar toda sua atenção à obra da adoração a Deus (Levítico 21:6; Números 8:16).

Os nazireus, mencionados no Antigo Testamento, é outra ilustração deste tipo de consagração (Números 6:2). Esta família se consagrou ao Senhor, fazendo um voto de nunca beber vinho ou bebida forte alguma, e nunca participar do imundo. Consagraram-se por completo ao Senhor. De maneira similar, a nação inteira de Israel estava consagrada a Deus. Ante os olhos de Deus, eles eram Seu povo escolhido. “E confirmaste a teu povo Israel por teu povo para sempre e tu, SENHOR, te fizeste o seu Deus.” (2 Samuel 7:24).

Deus redimiu a Israel com o propósito de ser a nação, entre todas as nações do mundo, pertencente a Ele.

Agora, no Novo Testamento, o chamado à santidade aplica esta verdade da consagração a todos os crentes. Pedro disse de maneira profunda: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anunciéis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.” (1 Pedro 2:9). Os crentes são chamados para serem completamente fiéis e leais a Deus em santidade. Devemos ser vasos sa-

grados para Seu uso e glória. Somos o povo de Deus, e Ele deseja que nos dediquemos por completo a fazer Sua vontade.

Um erudito escreveu que a palavra “peculiar”, empregada em algumas versões inglesas, pode ser descrita como um círculo que tem somente um ponto justo no centro. O povo de Deus é o ponto que está justo no centro de Sua atenção, redimido para pertencer somente a Ele.

### **Obstáculos que impedem a santidade pessoal**

*Uma atitude egoísta para com o pecado; egocentrismo*

O pecado é visto, frequentemente, como o que nos impede de avançar, em vez de um ato ofensivo contra Deus que consiste em descumprir Sua vontade e entristecê-lo. Deus se interessa mais pelos crentes obedientes que pelos crentes vitoriosos. A meta deve ser entristecer-nos junto com Deus pelos pecados cometidos contra Ele, e que os crentes glorifiquem a Deus e não a si mesmos.

*Quais pecados são graves?*

A maioria dos crentes têm suas categorias de pecados, as quais enfatizam. Não obstante, a maioria passa por alto ou ignora a lista de pecados internos, como os que aparecem em Efésios 4:31: “Toda amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias, e toda malícia seja tirada de entre vós.” E a maioria também se esquece de julgar a si mesma antes de condenar os demais. Em comparação com a majestade e santidade de Deus, toda falta é pecado e exige Seu poder expiatório. No coração de Deus, todo pecado é grave, e não só os poucos que nos parecem graves.

*Mal-interpretar a fé*

Frequentemente, os crentes pensam que a fé consiste em crêr, sem que se exija alguma ação de sua parte. As concepções populares de fé se concentram completamente no exercício mental de aceitar intelectualmente as declarações de sua natureza. Isto é acompanhado pela noção de que todo esforço é carnal e não pode beneficiar o espírito.

Leia as palavras de Lutero sobre a fé: “(A fé) é uma confiança viva e bem fundada na graça de Deus... (A mesma) torna a quem a possui, uma pessoa alegre, decidida, e cheia de afeto para com Deus... Tal pessoa chega a estar disposta a fazer o bem para com todos, sem reservas”.<sup>2</sup>

“Quão estranha classe de salvação desejam aqueles a quem a santidade não lhes interessa... Desejam ser salvos por Cristo, mas também desejam estar fora de Cristo em um estado carnal... Desejam que seus pecados sejam perdoados, não para que possam andar com Deus em amor, mas para praticarem sua inimizade contra Ele sem nenhum temor ao castigo”.<sup>3</sup>

“Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez.” (Hebreus 10:10).

“Porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados.” (v. 14).

“...e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor.” (12:14).

“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo, como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade.” (Efésios 1:3, 4).

1 James Strong, *Strong's Exhaustive Concordance of the Bible* [Concordância bíblica exaustiva de Strong] (Nashville, TN: Regal, sem data).

2 Martín Lutero, citado por Harry Emerson Fosdick, ed., *Great Voices of the Reformation* [Grandes vozes da reforma] (Nueva York, NY: Modern Library, 1954), pp. 121, 122.

3 Walter Marshall, citado por A.W. Pink, *The Doctrine of Sanctification* [A doutrina da santificação] (Swengel, PA: Bible Truth Depot, 1955), p. 29.

Nota: Esta seção foi tomada e adaptada de *Fundamentos: Formação Espiritual* (Cleveland, TN: Casa de Publicações Ala Blanca, 1997), pp. 27–29.

## O movimento de santidade

“O pentecostalismo nasceu no berço do movimento de santidade do século XIX. Porém, as origens do movimento de santidade se remontam, de fato, a João Wesley, no século XVIII, que ensinou uma espécie de salvação de dois níveis. O primeiro nível era a conversão, ou justificação, no qual alguém é perdoado e liberto dos pecados passados. O segundo nível era a ‘inteira santificação’, onde alguém é liberto da natureza caída ou, pelo menos, da tendência ao pecado. Os pregadores itinerantes, no princípio da década de 1800, como Asa Mahan (presidente do Colégio Oberlin) e o evangelista Charles Finney, propagaram a teologia de Wesley. Ensinaram que ‘os pecadores tinham a capacidade natural de crê e que os métodos evangelísticos poderiam vencer sua incapacidade “moral” mediante o poder persuasivo do evangelho. Finney e Mahan aplicaram este mesmo conceito ao crescimento do cristiano para a maturidade espiritual. Insistiam em que, para ser santificado, requeria-se apenas a mesma clase de fé simples e instantânea que alguém exercia para se converter’.<sup>1</sup>

“... Aqueles que contribuíram para a propagação desta doutrina de ‘santidade’ foram os populares avivamentos de tendas da primeira metade do século XVIII, o ministério de Phoebe Palmer (1807-1874) (que ensinava que a santificação podia ser alcançada instantaneamente mediante um ato de fé), e o ‘avivamento de oração de 1857-1858 (que às vezes foi chamado de o Terceiro Grande Avivamento). Havia também muito descontentamento nos círculos metodistas, porque muitos percebiam que a organização havia perdido seu fervor. Os metodistas wesleyanos (em 1843) e os metodistas livres (em 1860) abandonaram a organização e começaram a formar as primeiras confissões de santidade. Até a década de 1890, o movimento de santidade foi, em grande parte, um fenômeno metodista; porém, à medida que os metodistas foram aceitos no cristianismo dominante, as tensões aumentaram

até produzir um cisma que criou novas confissões de santidade de origem não metodista. Estas incluíram a Igreja de Deus em Anderson, Indiana (1880), a Igreja do Nazareno (1908), e a Igreja do Peregrino e da Santidade (1897)".<sup>2</sup>

Como exemplo, em finais do século XIX (1897), o cuaquer Seth Cook Rees e o metodista Martin Wells Knapp fundaram o que se tornaria na Igreja do Peregrino e da Santidade na Escola Bíblica de Deus em Cincinnati. O movimento resultante (que logo se converteu em uma organização) se comprometeu, desde o princípio, à santidade pessoal e social. Os estudantes da Escola Bíblica de Deus "trabalharam nas ruas" do centro da cidade de Cincinnati, alimentando os pobres e cuidando dos desamparados, em locais missionários enquanto se preparavam para viajar para as nações pobres do mundo, fazendo a obra missionária ou para ficar em casa e fundar "igrejas de fachada" que foram acessíveis para os pobres. As Igrejas do Peregrino eram fundadas normalmente "além da via do trem" nas seções mais pobres do povo, ou em missões de fachada, as quais haveriam de atrair os pobres.

A doutrina da segunda bênção (a santificação) era muito influente. Em fins do século XIX, a doutrina da inteira santificação, definida amplamente como uma segunda experiência específica, subsequente à regeneração, acompanhada de manifestações externas e moralidade aumentada, e descrita como um Pentecoste pessoal, chegou a ser identificada como a verdade central da Bíblia.

Em parte, a razão pela qual o movimento de santidade chegou a esta conclusão foi o grande crescimento e influência que teve nos últimos 25 anos do século XIX. A grande popularidade da "teologia do altar", promulgada por Palmer, o alcance internacional e transconfessional da doutrina da santidade, e o êxito da Associação Nacional de Avivamentos em Carpa, confirmaram a noção de que a completa santificação era "a experiência suprema da vida cristã".

O movimento de santidade se espalhou mediante avivamentos que enfatizavam uma experiência profunda com Deus, à qual chamavam de santidade ou santificação. Um tema central era a pureza

de coração. Durante este período de tempo, muitas igrejas pequenas se desenvolveram por causa dos avivamentos e/ou ênfase da santificação (que João Wesley ensinou, mas que não era enfatizada por muitos metodistas naquele tempo). Ao redor de umas 25 ou 30 organizações pequenas se formaram, e eventualmente se fundiram com outros grupos para aumentar a igreja. A igreja era robusta em sua ênfase missionária e de avivamentos. “Os adeptos da santidade viam a si mesmos como verdadeiros descendentes espirituais de Wesley, e praticavam uma ética moral estrita, abstinham-se dos prazeres e das diversões mundanas, tinham uma firme crença na plena santificação (também conhecida como ‘a segunda benção’, ou batismo do Espírito Santo). Mais importante ainda, ‘a doutrina da santidade proporcionou aos evangélicos do século XIX um meio para vencerem seus conflitos sectários. As doutrinas podem dividir, mas a experiência de um coração puro podia unir a todos os verdadeiros crentes contra as ameaças representadas pelo formalismo religioso, o ateísmo e o catolicismo romano’.<sup>3</sup> Esta ênfase na santidade haveria de continuar espalhando-se durante o século XIX graças a indivíduos e grupos diversos, como O Exército da Salvação, os cuaquers, D.L. Moody, Hannah Whitall Smith, o Y.M.C.A., o movimento de Keswick, Oswald Chambers...

“Atualmente, o movimento de santidade sobrevive através das diversas organizações de santidade, os constantes esforços da Conferência Inglesa e a Conferência Americana de Keswick, e através dos escritos de Hannah Whitall Smith, Lettie Cowman (Mananciais no Deserto), Oswald Chambers (My Utmost for His Highest), e outros”.<sup>4</sup> Porém, mais importante ainda, o movimento sobrevive através da seguinte geração de santidade, a qual chamamos de pentecostalismo.

“...Charles Parham (o pai do movimento pentecostal) haveria de levar a doutrina da santidade a outro nível. Ele gostava da ideia de uma espiritualidade de nível superior causada por uma experiência específica (isto é, o batismo do Espírito Santo), contudo, também acreditava que o batismo do Espírito Santo deveria estar acompanhado das manifestações do Espírito Santo, especialmente as línguas.

Em 1901, Parham e um punhado de seguidores afirmaram ter experimentado as línguas como evidência de seu batismo. Isto marcaria o nascimento do movimento pentecostal, o que combinaria a teologia da santidade com os sinais sobrenaturais do Espírito Santo. Apenas poucos anos depois, um estudante de Parham, William J. Seymour, conduziu o que seria conhecido como o avivamento da Rua Azusa (1906–1909), que elevou as manifestações do Espírito Santo a tal nível... que a prática pentecostal e a teologia da santidade haveriam de espalhar-se por todo o mundo nas décadas subseqüentes”.<sup>5</sup>

Assim que, vemos que este pequeno grupo nas montanhas da Carolina do Norte estavam se movendo sob o ímpeto de algo transcendental. Naqueles dias, Deus estava operando ao alimentar as chamas de uma mudança em nível mundial. O ministério do movimento de santidade estabeleceu o fundamento do movimento pentecostal, que está ativo na onda missionária mundial de hoje, edificando o reino de Deus em cada rincão do planeta.

1 Christian History and Biography (História e biografia cristã) Edição 82, “The Cleansing Wave”, p. 22.

2 Gary Gilley, “The Holiness Movement” (O movimento de santidade) <http://www.svchapel.org/resources/articles/19-charismatics/29-the-holiness-movement>.

3 Christian History and Biography (História e biografia cristã), p. 23.

4 Gilley.

5 Ibid.

Nota: Esta seção é uma adaptação de um artigo intitulado “The Holiness Movement” (O movimento de santidade), escrito por Garry Gilley, <http://www.svchapel.org/resources/articles/19-charismatics/29-the-holiness-movement>.